



ATÉ Amanhã

★ ★ de RUBEM BRAGA ★ ★

3/3/56

"CORPO DE BAILE"

Rubem Braga

O Livro tem quatro novelas e três contos, ou até agora só li a primeira novela; acabei de ler neste momento e não quero deixar de dizer logo a minha emoção. Maneira de desabafar; aguentei a morte do menino Dito, mas a partida de Miguilim para a cidade, sua despedida da gente do Mutum me deu um aperto de garganta do melhor e do mais desgraçado.

Estou falando do livro "Corpo de Baile", de Guimarães Rosa, e quero falar primeiro, para disfarçar, de um problema propriamente literário, que é a linguagem do autor. Que padece de um preciosismo regionalista não há dúvida nenhuma; o que me pergunto é até que ponto Guimarães Rosa poderia chegar mais perto da língua geral sem perder o forte sabor de sua gente e sua terra. Está claro que, ao menos quando é ele que conta e não um personagem que fala, podia evitar de dizer toda hora "esbarrar" no lugar de "parar", por exemplo. E também que ajudaria muito se o livro tivesse, no fim, um vocabulário dessa linguagem de vaqueiros de Minas para uso dos leitores de outros lados do Brasil. Linguagem que, de resto, guloso como é de saber tudo e sentir tudo, Guimarães Rosa deve saber melhor do que qualquer vaqueiro individualmente.

Mas não sei. Mesmo quando entendo uma palavra ou um giro de frase isso não me desagrada completamente, consinto em ter uma vaga impressão, deixar um pouco de mistério envolvendo essas vidas rudes e todavia sutis. Não sou um homem da roça, mas de cidade do interior, mas minha cidade, na infância, ainda era bastante rural, e a fazenda do meu avô, a fazenda do Frade era também, como o Mutum, "um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedra e muito mato, e lá chove sempre". Nem tão longe, o Mutum do Frade ou da Boa Esperança, que essa história não me restitua brincadeiras esquecidas, como o jogo de malha com terradura velha e a peteca de palha de milho e pena de galinha.

O principal da novela, entretanto, é a força dela mesmo e não seu pitoresco ou a graça de suas imagens, como aquele menino que não era bôbo, apenas "tinha juízo por outros lados", aquele que às vezes ficava cismando — "cada dia todos deixavam de gostar dele um boucadinho" — ou o homem que dizia — "eu estou pobre como a agulha em fundo de canoa". Tudo isso são flores; o que mais importa é o pathos fundamental, o drama verdadeiro e vivo que vai rompendo sempre e que nos assegura que João Guimarães Rosa é, na realidade, um grande escritor.

E' com muito respeito e verdadeira emoção que saúdo seu novo livro e paro esta crônica para continuar sua leitura.